

# EVITAR MALES MAIORES É A PREOCUPAÇÃO DOMINANTE DAS ENTIDADES QUE AUXILIAM AS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES

Evitar males maiores é, presentemente, a grande preocupação de todas as entidades, oficiais e particulares que se empenham no auxílio às vítimas das inundações. Enquanto prossegue a busca dos desaparecidos e a desobstrução das áreas atingidas, a Direcção-Geral

de Saúde, por intermédio dos seus Serviços Centrais e da Delegação de Saúde de Lisboa, e em colaboração com as subdelegações dos concelhos interessados procuram exercer activa vigilância sanitária junto das populações, especialmente no campo profilático.

As brigadas móveis de vacinação anti-fúlica, nas quais se incorporaram, voluntariamente, grupos de quinarianistas de Medicina, em número que excede a centena, estão a actuar na generalidade das áreas afectadas.

Outros piquetes de assistência, transportados em viaturas do Exército e do Município lisboeta, procedem à distribuição de água potável a diversos núcleos populacionais dos concelhos de Sintra, Alenquer,

## Mil quilos de roupas oferecidos por Luanda

A Administração dos Transportes Aéreos Portugueses autorizou a recolha de doações, em roupa e géneros, em todas as suas delegações, no território português e no estrangeiro, e está a ocupar o espaço disponível dos seus aviões para transportar para Luanda, em viagens de cada duas semanas, uma quantidade de França, Inglaterra, Suíça, Brasil, América do Norte e Ultramar.

Vindos de Caracas, foram recebidos, esta manhã, 28 quilos de medicamentos diversos e Luanda enviou 1000 quilos de roupas.

Conforme temos anunciado, muitas outras empresas ofereceram já os seus serviços a favor das vítimas das cheias. Informa-nos a Slinger, que, além da contribuição do seu pessoal, reparará gratuitamente todas as máquinas da sua marca danificadas pela enxurrada, mediante apenas um certificado passado por uma Junta de Freguesia.

### Dois donativos

Recebemos dos funcionários dos C. T. de Tomar um donativo de 2000 rs. destinado aos sinistrados de Alenquer. Um senhor, que deseja manter-se no anonimato remetemos um cheque de 10000\$00 para auxílio às vítimas.

## AUXÍLIOS ENTREGUES NO «DIÁRIO DE LISBOA»

Querendo juntar o seu contributo ao de quantos têm procurado, através da sua solidariedade minorar as consequências do fatídico temporal de 25 de Novembro, o sr. Joaquim António Pestana, de 60 anos, proprietário de uma pequena camioneta de aluguer, resolveu destinar a esse fim o produto bruto de um dia de trabalho.

Para isso escolheu propostadamente o dia 30, dia em que há sempre mais trabalho, entregando o respectivo produto (540\$800) ao «Diário de Lisboa», para o distribuírmos aos sinistrados.

## O CASO DE UM CASAL RESIDENTE NO PRÉDIO QUE RUIU EM QUELUZ

Procuramos o sr. António Bernardino Jesus Pereira para esclarecer que seu pai, o sr. José Pereira, de 70 anos, que residia na Avenida José Elias Garcia, 231, em Queluz, faleceu efectivamente, vítima da derrocada daquele prédio, tendo o seu corpo sido sepultado no cemitério de Benfica. O corpo de sua mãe, a sr. D. Caecilina Jesus Pereira, de 68 anos, ainda não apareceu. Mas, nos esclareceu ser falsa a notícia de que os seus pais haviam sido, na véspera da catástrofe, para a terra natal.

**Varanda do Chanceler**  
Restaurante

AMANHÃ  
SALA  
RESERVADA  
PARA  
LANCHE DE  
CASAMENTO

Arruda dos Vinhos e outros e a alguns estabelecimentos hospitalares. As Camaras Municipais continuam a afilar, em numero consideravel, os donativos de particulares, para futura distribuição às familias que o inquerito em curso classificou de mais necessitadas.

As autoridades locais aconselham o publico a fazer a entrega dos seus donativos apenas a pessoas ou entidades de idoneidade reconhecida, para evitar o seu descaimino.

A Cruz Vermelha Portuguesa abriu mais dois pontos de recepção de donativos na Parede (Escola 31 de Janeiro, Rua Elias Garcia) e em Oeiras (Lar dos Filhos de Officiais e Sargentos).

## PUBLICAÇÕES

«ESTUDOS, NOTAS E TRABALHOS DO SERVIÇO DE FOMENTO DO MINÉRIO»

Pejo Ministério da Economia (Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos) foi publicado o volume XVII — fascículos 3-4 — de «Estudos, notas e trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro», no qual, além de algumas pequenas notas, e muitas e muitas das gravuras e gráficos, se reúnem os seguintes trabalhos:

«Os minérios do jazigo de Pó-Zin-Ag de Terramonte», pelo dr. Orlando da Luz Gaspar; «Moagem autotómica», pelo eng.º Horácio Maia e Costa; «Matérias primas minerais não metálicas — I — As areias pliocénicas de Barosa (Leiria)», pelo dr. A. B. Lapa e «Relatório do Serviço de Fomento Mineiro do ano de 1932», pelo eng.º J. C. Guimarães dos Santos.

### «AGRICULTURA»

O n.º 28 de «Agricultura», revista da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, profundamente ilustrado e com muito bom aspecto gráfico, insere no seu sumário, entre outros, os seguintes artigos: «Cultivadores de trigo moles», por M. T. Barradas e F. Bagnulo; «Fortificação do amoníaco», por M. R. Marques Gomes; «Considerações sobre a preparação de sumos em pó», por Silvério José Galvão Fernandes; «Cooperativas agrícolas — alguns dos seus problemas», e «Um calçoteiro para análises de protina de solos», por Maria Antónia Viegas Bastos.

## O tráfego ferroviário nas linhas do Estoril e do Norte está ainda condicionado

Oeiras e Algés, e a segunda, igualmente em ambos os sentidos, entre Algés e Cals do Sodré, fazendo os passageiros os necessários transbordos.

A C. P., por seu seu turno, annunciou hoje que uma das vias da linha do Norte já permite a circulação embora com interrupções. O tráfego effectua-se presentemente, a duas e meia, os comboios de longo curso (Lisboa-Porto) retribuem-se sem necessidade de transbordos entre a Azambuja e Vila Franca, sempre que não haja interrupções na linha. A primeira seria de proseguir nos trabalhos de reparação, não sendo possível determinar com grande antecedência qual as composições que poderão ou não circular no total da viagem. Quando necessário, o transbordo, entre aquelas duas localidades, dos comboios de longo curso, continua a fazer-se em autocarros o que acontece sempre com os de pequeno curso.

Quando a carga, são scietes sem restrições os despachos de grande velocidade, e sem garantias de prazos de entrega de de pequena velocidade.

## A concessão de bolsas de estudo aos estudantes de Medicina

(Continuação da 9.ª página)

se, por um lado, é dever de todo o Homem acudir e amparar todos os outros homens numa situação de doença, até por imposição dos seus próprios princípios cristão-cristãos, é, por outro lado, necessário reconhecer que a classe médica não pode ser considerada como sendo das criadas de V. Ex.ª.

«Todo o trabalho tem de ser dignificado. E o do médico, que é também trabalho profissional (porque as dividas de gratidão não têm paga) deve ser do mesmo modo dignificado, e a altura da sua missão humana, da sua responsabilidade técnica e, até, das agruras do seu exercicio.»

Por que motivo se verifica um aumento da sua frequência das outras Faculdades, particularmente as técnicas, e se assiste ao fenómeno doloroso de ser cada vez menor o numero de pretendentes a licenciatura em Medicina? Este ponto, aliás, não se verifica só em Portugal mas até noutros países de nível economico bastante elevado, mas onde não se lhe dedica ainda sufficiente atenção para obter o mesmo resultado.

### As diferenças de frequência

Segundo o dr. Arlindo Mendes, o curso de Medicina é longo e o tempo de todos os cursos superiores — árchão do desempenho da sua profissão e do desgaste intelectual e prematuro. A vida de um médico não é, regra geral, dependente da sua saúde, mas sim da sua para nada; nem para comer, nem para repousar e, até, por vezes, nem para dormir. E já nem se fala do tempo que é necessário desperdiçar na sua actualização profissional, imperioso dever de todos os médicos.

E a juventude de hoje, fruto de revoluções sociais do pós-guerra, já se apercebeu dessa situação e, por isso, pratica e positiva que das gerações anteriores, resolveu tirar o melhor partido da hora presente. Em suma: afasta-se da medicina porque encontra, nas condições de trabalho, melhor remuneração, uma vida mais tranquila, um futuro mais riante.

Existem hoje cursos universitários cujos finalistas já são funcionários de entidades publicas e de serviços técnicos ao extraordinariamente solicitados; a competência profissional é melhor recompensada nas empresas; a satisficção na docência, por parte dos estudantes, é maior; a solidariedade na invalides e a garantia dum velhice são garantidas em quase todos os empregos.

### A situação da classe médica

O que sucede com a classe médica? Essa tem sempre a defesa do chamado «pulso livre». Expressão corrente! Tudo o que oficialmente desempenha é mais um «chegar a esse pulso livre» para lá de um erro. Um erro de que todos nos apercebemos e que urge resolver para que a crise não seja maior, muito maior. E o que grave quando é certo que a classe médica tende a desaparecer enquanto os conceitos básicos, a meu ver errados, permanecem.

O médico recém-formado segue um dos dois caminhos: ou faz a sua permanencia no que se torna especie lista e, com isso, depende um minimo de 3 anos, quase sem prouventos que lhe permitam manter-se com a dignidade economica necessaria á sua posição e funções sociais; ou então inicia a clinica livre, regra geral flutuante, pois no seu saber teórico falta ainda a experiencia que só o tempo pode trazer. E, por esse motivo tem de lançar mão das «supezas» acheras, por necessidade de estabelecer a sua situação economica.

E como essas «supezas» têm de ser muitas, por não serem, uma de ser insuficiente, está na necessidade de desperdiçar, sempre de resultados mais, quer para ele próprio, quer para a missão que desempenha.

E quem beneficia desta situação? Ninguém. Nem o médico nem aqueles que estão confiados á sua guarda.

O trabalho profissional do médico não pode ser remunerado a X por hora com elementos numericos definidos, mas sim pelo sustento que representa a defesa da saúde publica, o capital humano, a honra e a vida da Nação.

em determinada zona rural seria um verdadeiro atentado á liberdade do Homem.

A tendência do médico em fixar-se num meio grande é um fenómeno migratório que se verifica em todos os sectores sociais e em todos os pontos do mundo. E a nossa terra é um exemplo vivo dessa afirmação. Só se fixam nos pequenos centros que se verificam os interesses pessoais de qualquer natureza, a eles estejam ligados; ou então que conscientemente reconheçam ser mais desafiada a sua situação economica; e esse é mesmo. Caso contrário, emigram para os cidades onde encontram um meio social e profissional melhor, condições que não são de desprezar, até mesmo a que criaram novas habitos, conceitos diferentes de vida, etc.

Mas o problema tem de ser resolvido, até porque não se pode, por principio tecnico, pensar na existência de zonas do arquipélago desprovidas de apoio sanitario.

E como fixar esses médicos? Oferecendo-lhes condições de vida e de trabalho que os compensem a vida dura que os espera, do isolamento que lhes é imposto, e de harmonia — volto a frisar — com as funções que desempenham.

Em conclusão, o Conselho, particularmente os afastados da sede do distrito, deviam constituir um nucleo sanitario, com certa autonomia, mas que não libertaria, em absoluto, dos organismos hierarquicamente superiores, que se encontravam ligados. Teriam, como sede, o posto sanitario concebido, com funções multiphas: protecção materno-infantil, radiogramas, um acouplamento permanente de análises clinicas que seriam enviadas ao Laboratório Distrital, vacinação e profilaxia das doenças antrocoenóticas, campanha de desparasitação, Caixa de Previdência e outras que a experiencia fosse aconselhando. O posto sanitario seria dirigido pelo Delegado de Saúde e com a colaboração de um acouplamento permanente de diversos médicos municipais; ou melhor ainda, se cada um deles se encarregasse dum sector, em que adquiriria maior experiencia e do qual se poderia esperar.

Isto poderá parecer aos leigos uma mistura muito confusa de doenças e de doentes, mas em boa verdade não é. Tudo se pode fazer em zonas estanques e com a colaboração de pessoal tecnico devidamente preparado.

Note bem que não se defende os chamados hospitais sub-regionales que, salvo o devido respeito por quem os idealizou, não correspondem ás necessidades da nossa Ilha. Poder-se-á objectar que a execução deste plano é dispendiosa, mas com a colaboração das diversas entidades responsáveis pelo planeamento e a estruturação deste problema, não seria ele possível? Nada custaria criar um destes «postos-pilotos» e, em breve tempo, a experiencia diria quais os defeitos a eliminar.

● **Ainda as bolsas de estudo**  
Posto isto, concordo com a concessão de bolsas de estudo, mas só depois de conscientemente tomadas as estruturas das condições a que esses futuros colegas ficam submetidos após a conclusão dos seus cursos; dando-lhes a garantia daquilo que hoje não existe: nível de trabalho, honorários definitivos, que lhes garantam a sua estabilidade economica e, ainda, a certeza de que o amparo numa possível invalides e a sua reforma se encontram assegurados.

● **A situação da classe médica**  
O que sucede com a classe médica? Essa tem sempre a defesa do chamado «pulso livre». Expressão corrente! Tudo o que oficialmente desempenha é mais um «chegar a esse pulso livre» para lá de um erro. Um erro de que todos nos apercebemos e que urge resolver para que a crise não seja maior, muito maior. E o que grave quando é certo que a classe médica tende a desaparecer enquanto os conceitos básicos, a meu ver errados, permanecem.

O médico recém-formado segue um dos dois caminhos: ou faz a sua permanencia no que se torna especie lista e, com isso, depende um minimo de 3 anos, quase sem prouventos que lhe permitam manter-se com a dignidade economica necessaria á sua posição e funções sociais; ou então inicia a clinica livre, regra geral flutuante, pois no seu saber teórico falta ainda a experiencia que só o tempo pode trazer. E, por esse motivo tem de lançar mão das «supezas» acheras, por necessidade de estabelecer a sua situação economica.

E como essas «supezas» têm de ser muitas, por não serem, uma de ser insuficiente, está na necessidade de desperdiçar, sempre de resultados mais, quer para ele próprio, quer para a missão que desempenha.

● **A cobertura sanitaria dos meios rurais**  
A cobertura sanitaria do arquipélago tem de ser feita, para que os seus frutos possam ser efectivos. Claro está que a obrigação de fixação de um médico

**Laura de Oliveira**  
Dias Artiaga

MISSA DO 1.º ANIVERSARIO  
Seu marido, irmãos, cunhadas e mais familia participam que, amanhã, dia 4, ás 12.10 horas, na igreja de S. João de Deus, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.